

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Jonathan Fragoso Brasil

**O USO DO SAMBA-ENREDO NAS AULAS DE
GEOGRAFIA:**
Possibilidades de Articulações Curriculares

Rio de Janeiro
2021



Jonathan Fragoso Brasil

O USO DO SAMBA-ENREDO NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
Possibilidades de Articulações Curriculares

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientador (a) Professor (a): M.e Pedro Bernardes Pinheiro.

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

B823 Brasil, Jonathan Fragoso

O uso do samba-enredo nas aulas de geografia: possibilidades de articulações curriculares / Jonathan Fragoso Brasil. - Rio de Janeiro, 2021.

22 f.

Trabalho de conclusão de curso em formato de artigo científico (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Pedro Bernardes Pinheiro.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Currículos – Educação. 3. Samba. I. Pinheiro, Pedro Bemardes. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Jonathan Fragoso Brasil

O USO DO SAMBA-ENREDO NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
Possibilidades de Articulações Curriculares

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientador (a) Professor (a): M.e Pedro Bernardes Pinheiro.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Profº M.e Pedro Bernardes Pinheiro (Orientador)
Colégio Pedro II - TPGE

Profº M.e Márcio Ferreira Nery Corrêa
Colégio Pedro II - TPGE

Profº Dr. Cátia Antônia da Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP

O USO DO SAMBA-ENREDO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: Possibilidades de Articulações Curriculares

Jonathan Fragoso Brasil

Resumo: O objetivo central deste trabalho é investigar se o uso do samba-enredo pode ser benéfico ao processo de ensino/aprendizagem de geografia em turmas de Ensino Fundamental e Médio. Para isso, dividimos o trabalho em três partes. Na primeira, fizemos uma breve sessão introdutória onde discutimos questões relacionadas ao currículo de geografia e o possível papel do carnaval na educação, além do significado do gênero musical samba-enredo. Na segunda sessão, através de uma ótica geográfica e histórica, mencionamos o processo de formação do samba na cidade do Rio de Janeiro e das escolas de samba no carnaval, assim como de evolução no qual passou o samba-enredo ao longo dos tempos, enfatizando que este é um gênero musical muito rico e diverso, evidenciando assim a valorização desta cultura popular tão importante para o nosso povo e propulsora de amplos ensinamentos. Por fim, na terceira sessão, exploramos letras de sambas-enredo que possam ser utilizadas por professores de geografia, buscando identificar conteúdos geográficos que podem ser aplicados em sala de aula. Selecionamos quatro obras, cada uma delas voltada para uma determinada série/ano, de acordo com os requisitos pré-estabelecidos para o componente curricular Geografia na Base Nacional Comum Curricular e no Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro. Pretendemos elucidar que o uso desse gênero musical por professores de geografia pode ajudar os estudantes a se sentirem mais motivados a aprender os conteúdos.

Palavras-chave: Geografia Escolar, Samba-Enredo, Carnaval, Currículo.

THE USE OF SAMBA PLOT IN GEOGRAPHY CLASSES: Possibilities of curricular articulations

Abstract: The main objective of this paper is to investigate whether the use of samba plot can be beneficial to the geography teaching/learning process in elementary and Junior High school classes. For this, we divided the paper into three parts. In the first one, we had a brief introductory session where we discussed issues related to the geography curriculum and the possible role of carnival in education, in addition to the meaning of the musical genre samba plot. In the second session, through a geographical and historical perspective, we mentioned the process of samba formation in the city of Rio de Janeiro and the samba schools in carnival, as well as the evolution process in which the samba plot passed over time, emphasizing that this is a very rich and diverse musical genre, thus showing the appreciation of this popular culture that is so important to our people and propellant of wide-ranging teachings. Finally, in the third session, we explore samba-plot lyrics that can be used by geography teachers, seeking to identify geographic content that can be applied in the classroom. We selected four works, each one aimed at a certain grade/year, according to the pre-established requirements for the curricular component Geography in the Common National Curriculum Base and in the Minimum Curriculum of the State of Rio de Janeiro. We intend to clarify that the use of this musical genre by geography teachers can help students feel more motivated to learn the contents.

Keywords: School Geography, Samba plot, Carnival, Curriculum.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente é amplamente difundida a ideia de que é preciso oferecer novas ferramentas com as quais os estudantes possam se sentir pertencentes aos processos de ensino e aprendizagem. Essa necessidade desafia a pensar de que modo o aprendizado pode ser mais significativo ao aluno. Dentro deste contexto, Freire (1987, p. 33) criticou o que chamava de Educação Bancária, isto é, “[...] quando a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. Sendo assim, os educandos apenas recebem os depósitos e memorizam para responder ao professor exatamente aquilo que recebeu, sem apresentar qualquer tipo de raciocínio crítico.

Trazendo o olhar para a geografia escolar, o debate em torno da necessidade da construção de uma disciplina mais palpável aos alunos é antigo. Segundo Albuquerque (2011), ainda no final do século XIX, intelectuais ligados aos ideais nacionalistas, como José Veríssimo e Rui Barbosa, já criticavam as práticas conservadoras utilizadas no ensino de geografia, como a valorização da nomenclatura e a relação de ensino e aprendizagem fundamentada na memorização. Outro nome importante foi Delgado de Oliveira. Intelectual formado em universidades europeias e norte-americanas, participante ativo do movimento Escola Nova, Delgado a partir da década de 1920 teceu críticas incisivas a seleção dos conteúdos e metodologias adotadas pela geografia clássica nomenclatural, que valorizava sobretudo, a memória como requisito único de aprendizagem. Este autor teve um papel importante na renovação da disciplina escolar, dando enfoque moderno a geografia escolar brasileira, apesar de nem todas as suas propostas terem sido bem aceitas na época.

Finalmente, a partir da década de 1970, tendências críticas, fundamentadas em ideias marxistas e tendo o materialismo histórico como método de investigação da realidade ganharam força, introduzindo na geografia o compromisso com questões de cunho social (VILELA, 2016). A chamada *New Geography* ou Geografia Crítica pôs em xeque o modelo de Geografia Tradicional que vinha sendo produzido até então, tecendo críticas a geografia ensinada nas escolas, pautada na descrição e enumeração de dados e na tradição regional. Apesar dos esforços do movimento renovador, a geografia escolar ainda hoje é pouco crítica, muito por conta do fato de que a escola é um espaço muito conservador (VILELA, 2016). Para Albuquerque (2011) não se desconstrói práticas escolares de um dia para o outro. Muitos são os sujeitos sociais envolvidos nesse processo: professores, alunos, familiares, diretores, supervisores, além de toda a pressão da sociedade, que talvez até hoje entenda que o bom professor e o bom aluno sejam aqueles capazes de memorizar nomenclaturas infundavelmente. De tal modo, mudanças nem sempre são bem recebidas. Ainda neste contexto, o autor supracitado afirma que a perpetuação deste modelo, muitas das vezes visto como natural pelos professores, promove uma série de equívocos nas práticas escolares e afasta a cada dia os alunos da escola básica do prazer de estudar Geografia.

Posto isto, a primeira contribuição deste trabalho visa apontar o samba-enredo como uma alternativa possível aos professores de geografia no sentido de deixarem suas aulas mais dinâmicas e atraentes, menos mnemônicas e maçantes e também mais críticas. Acreditamos que fazendo uso do samba-enredo, o professor possa ter em suas mãos uma ferramenta eficaz para produzir criticidade e compartilhar aprendizado.

A segunda contribuição será no sentido da valorização da cultura popular brasileira, fazendo do carnaval e de sua música, elementos capazes de despertar a reflexão. Num momento tão conturbado quanto os tempos atuais, de crescentes conservadoras e ataques a cultura carnavalesca, gostaríamos de ressaltar a riqueza, a criatividade e os ensinamentos que o carnaval, e em particular, o samba-enredo podem produzir na construção do conhecimento e de uma aprendizagem crítica e libertadora.

1. O SABER DOCENTE E O SAMBA-ENREDO? O POSSÍVEL PAPEL DO CARNAVAL NA EDUCAÇÃO

Uma das ideias difundidas por autores do campo denominado Saber Docente é que a relação dos professores com os saberes que ensinam é constituinte essencial da atividade docente e fundamental para a configuração da identidade profissional (MONTEIRO, 2001). Em outras palavras, hoje é sabido que a subjetividade do professor é importante agente no processo educativo. Já pensadores do campo denominado Saber Escolar, como Chevallard, Vilela e o próprio Monteiro defendem que o conhecimento escolar tem lógica própria, não sendo mera transposição ou simplificação do conhecimento científico. Citando Schön (1995), Monteiro afirma:

[...] a visão do saber escolar como molecular, certo, fatural, categorial... é apresentada como um fato que pode ser transformado, se for possível mudar a maneira como os professores se relacionam com seus alunos e sua profissão. Se eles se tornarem profissionais reflexivos e conseguirem modificar a burocracia da escola, essas mudanças poderão viabilizar um ensino onde os saberes serão contextualizados e relacionados com a vida cotidiana dos alunos (SCHÖN, 1995 *apud* MONTEIRO, 2011, p. 128).

De acordo com Tardif, Lessard e Lahaye (1991) *apud* por Monteiro (2001, p. 130) o saber docente é constituído de saberes oriundos da formação profissional, dos saberes das disciplinas, dos currículos e da experiência. Nos chama a atenção este último, o saber da experiência, que seria “constituído no exercício da prática cotidiana da profissão, fundadas no trabalho e no conhecimento do meio” (MONTEIRO, 2001, p. 130), isto é, o saber prático, que está ligado a vivência individual, ao conhecimento tácito, a prática real, ou seja, os saberes práticos, que surgem na prática.

Posto isto, a escolha do carnaval e do samba-enredo como objetos de estudo deste trabalho não se faz por mero acaso. Tenho longa vivência no mundo do samba e do carnaval, já tendo atuado por diversos anos como compositor de Escolas de Samba do Rio de Janeiro, como intérprete na Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra e também como diretor da ala de adolescentes na escola de samba Unidos do Viradouro. Atuando também como professor de geografia dos Ensinos Fundamental e Médio, considero que muitas das experiências vividas no samba me ajudaram dentro de sala de aula, principalmente no início da minha carreira no magistério. Existem muitas semelhanças entre cuidar de uma ala de adolescentes num desfile de carnaval e cuidar de uma turma escolar de ensino fundamental e médio, principalmente no que tange a questões como disciplina, organização e motivação. Aliado a isso, também aprendi muito com os sambas-enredo. Por que não ensinar com eles?! Tenho feito uso deles com as minhas turmas a alguns anos e acredito que possam ser ferramentas interessantes na busca por oferecer aulas menos engessadas, driblar as burocracias da escola e levar criticidade aos alunos.

Considerando todos os fatores já mencionados, é importante destacar ainda que o carnaval é considerado a maior festa popular do Brasil, manifestação que é tida como uma das principais marcas da identidade nacional. Para Silva e Nunes (2019, p. 157), “[...] por toda grandiosidade que esta festa intitulada Carnaval representa, ela não deve ser olhada apenas como uma data comemorativa, mas deve ter uma compreensão que valorize seu sentido histórico e cultural para o povo brasileiro”. Concordamos com esta afirmação. Tendo como base a vivência de alguns anos lecionando na escola pública, observamos que outras datas comemorativas e manifestações culturais, como as festas juninas, o dia do índio e mais recentemente, até mesmo o dia das bruxas (este último uma cultura notadamente estrangeira) recebem um tratamento bem mais destacado que o carnaval. Professores e direções

promovem festas, os alunos se fantasiam, alguns produzem trabalhos relacionados a tais celebrações etc. O mesmo parece não acontecer quando se trata da maior festa popular do país, que quase sempre passa despercebida na escola. Gostaríamos de ressaltar que não estamos com isso tentando diminuir a importância das manifestações mencionadas, mas sim fazer notar a falta de atenção dada a uma manifestação cultural tão rica como é o carnaval.

Dentro deste contexto, Silva e Nunes (2019, p. 157) afirmam que “[...] o Carnaval engloba uma série de questões em vários níveis, como política, religião, gênero, classe social, mídia, dentre outros” e que por isso “podem ser benéficos à construção de criticidade por parte do grupo discente”. Afirmam ainda que “[...] o caráter inclusivo e libertário do carnaval é indispensável à educação” (idem, p. 158). Acreditamos que a enorme diversidade e riqueza cultural desta festa, em especial a cultura do samba, podem ser melhores aproveitadas dentro da educação escolar.

2. O SUBGÊNERO MUSICAL SAMBA-ENREDO E SEU PROCESSO DE ESCOLHA POR UMA ESCOLA DE SAMBA

O Samba-Enredo (também pode ser chamado como Samba de Enredo) é considerado um subgênero do samba, isto é, uma ramificação deste. É a música utilizada pelas escolas de samba para embalarem seus desfiles. O composto “de enredo” advém do fato de ser uma música criada através de um tema pré-determinado. Geralmente as agremiações anunciam o enredo do carnaval seguinte logo após a realização do carnaval que se passou. Os compositores da escola recebem então uma sinopse, que em outras palavras é um resumo do que a agremiação pretende apresentar na avenida e daí cria-se geralmente um concurso interno, onde será escolhido o samba vencedor. O samba vencedor do concurso torna-se o hino da escola para o carnaval e os demais concorrentes são descartados. Entretanto, quando a escola entende que nenhum samba atendeu completamente as suas expectativas, existe a possibilidade de haver uma fusão entre duas ou mais obras, aproveitando-se os fragmentos mais importantes ou apropriados de cada composição para o desfile.

Atualmente, devido as constantes crises financeiras que se abatem sobre o carnaval, há escolas de samba que preferem não mais promover o tradicional concurso, e ao invés disso, encomendam diretamente o samba com alguma parceria de compositores, pois entendem que assim poderão reduzir custos.

Na próxima sessão o leitor poderá acompanhar como deu-se o processo de surgimento deste gênero e entenderá como ele evoluiu ao longo dos tempos.

2.1 O Rio, seu povo e o samba, porque “quem não gosta de samba bom sujeito não é”

Assim nos ensinam o mestre Candeia & Isnard em seu célebre livro *Escola de samba: árvore que esqueceu a raiz*: “[...] para falar de samba, temos que falar em negro, para se falar em negro temos que contar sua árdua luta através de muitas gerações, erguendo seu grito contra o preconceito de raça e de cor, herança da escravidão” (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 4-5). A origem do samba está diretamente ligada à história do povo negro, tendo se transformado em um dos traços mais marcantes de sua cultura. Carneiro (1957) *apud* Fernandes (2001, p. 42) afirma que “[...] no século XIX a palavra samba definia diferentes tipos de música e dança introduzidos e praticados pelos escravos africanos, que poderiam ser encontrados desde o Maranhão até São Paulo, formando uma espécie de região do samba”. Manifestações como tambor de mina, tambor de crioula, bambelô, jongo, samba rural, samba de lenço, lundu e outros em várias áreas do Brasil não permitem dizer que o samba nasceu na exclusivamente na Bahia, como é amplamente difundido.

Se não é possível definir onde realmente nasceu o samba, pode-se afirmar que aquilo que é conhecido como samba moderno, este sim, nasceu nos morros e favelas do Rio de Janeiro. Segundo Cabral (2011), no final do século XIX, a população negra na antiga capital federal cresceu em ritmo acelerado, principalmente devido a decadência da cultura do café no interior dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e também devido ao fim da guerra de Canudos, na Bahia. Com isso, houve forte migração de pessoas pretas para a capital, dando origem ao surgimento das favelas. Neste período, as autoridades governamentais implementaram uma série de transformações urbanísticas na cidade, demolindo casas de pessoas humildes e removendo milhares de pobres para regiões mais afastadas. Esta remodelação do espaço geográfico do Rio de Janeiro ficou conhecida como Reforma Passos, em alusão ao então prefeito da cidade. Sobre este período, assim escreve o geógrafo Maurício de Abreu:

A reforma Passos... representa também o primeiro exemplo de intervenção estatal maciça sobre o urbano, reorganizado agora sob novas bases econômicas e ideológicas, que não mais condizem com a presença de pobres na área mais valorizada da cidade. ...o período Passos também se constitui em exemplo de como as contradições do espaço, ao serem resolvidas, muitas vezes geram novas contradições... é a partir daí que os morros situados no centro da cidade (Providência, São Carlos, Santo Antonio e outros), até então pouco habitados, passam a ser rapidamente ocupados. (ABREU, 2013, p. 63 e 66).

No início do século XX, a segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro já era visível. Os ricos foram morar na Zona Sul, a classe média mais modesta se fincou nos subúrbios, acompanhando as linhas de bondes e trens e aos mais pobres, só restaram os bairros mais distantes, os cortiços e as favelas. Inicialmente foram ocupados os morros do centro, como a Providência, o Castelo e Santo Antônio (estes dois últimos viriam a ser demolidos) e, posteriormente os morros da Zona Norte, como o São Carlos, a Mangueira e o Salgueiro (CABRAL, 2011). Estavam assim formadas as bases para o surgimento e desenvolvimento do samba carioca.

Na primeira década do século XX, fazer samba não era algo simples. A repressão da polícia às manifestações negras era muito forte. O simples ato de portar um violão já poderia ser motivo de prisão. Foi preciso muita resistência, inteligência e negociação. Com a legalização dos cultos religiosos de origem africana, foi a religião quem inicialmente deu abrigo ao samba. Quando o culto se encerrava, os sambistas aproveitavam para cantar e dançar o samba. Segundo Fernandes (2001, p. 42), “[...] é consenso entre vários de seus estudiosos, que o gênero musical moderno conhecido como samba nasceu no Rio de Janeiro, inventado por músicos e festeiros de seus bairros populares, principalmente na Cidade Nova e no Estácio”. O primeiro samba gravado data do ano de 1916, o consagrado “Pelo telefone”¹, que abriu caminho para que na década seguinte, o samba assumisse como gênero musical a liderança das músicas gravadas no Brasil.²

¹ Cabral (2011) destacou que a casa da Tia Ciata, na Rua Visconde de Itaúna, perto da praça XI, foi apontada por um importante jornalista da época como o local de nascimento do samba no Rio de Janeiro, pois ali se reuniam elites da comunidade negra, formados por pessoas que quase sempre tocavam algum instrumento musical. Lá foi registrado “Pelo Telefone”, aquele que é considerado o primeiro samba gravado. Dissemos “considerado”, porque há evidências de que antes dele, outros sambas já haviam sido registrados, porém sem grande sucesso.

² “Pelo telefone” causou grande impacto, tendo enorme repercussão, pois se tratava de uma música completamente diferente para os padrões da época e Segundo CABRAL (2011, p. 32), “[...] a palavra samba entrou na moda e os dirigentes das poucas gravadoras da época, convictos que ela contribuía para boas vendas”.

Contribuiu para o samba, o fato de a década de 1920 ter trazido inúmeras novidades ao pensamento intelectual brasileiro. Inspirados em ideias nacionalistas trazidas da Europa, via-se com urgência a necessidade de conhecer e reconhecer o país – buscava-se a afirmação da nacionalidade e a construção de uma identidade nacional, almejava-se qualidades próprias que destacassem o país diante dos demais. Este conjunto de ideias ficou conhecido como modernismo brasileiro. E dentro deste contexto de busca da singularidade nacional, o samba se encaixava perfeitamente como um elemento inovador, urbano, advindo de origens populares, verdadeiro representante da brasilidade que tanto buscavam. Sendo assim, a década de 1920 brindou o povo carioca e brasileiro com artistas do calibre de Sinhô, Donga, Caninha, Pixinguinha, entre outros: a primeira grande geração de sambistas.

2.2 O surgimento das escolas de samba e o desenvolvimento do gênero musical samba-enredo

A década de 1930 trouxe inovações. Os clássicos da década anterior, incluindo “Pelo Telefone” pouco se diferenciavam do maxixe, sendo adequados para a dança de salão e pouco indicados para quem quisesse desfilar no carnaval (CABRAL, 2011).

Desta forma, jovens percussionistas e compositores do bairro do Estácio, como Rubem Barcelos (1904-1927), Alcebíades Barcelos, o Bide (1902-1975), Nilton Bastos (1899-1935) e Ismael Silva (1905-1978), dentre outros, fundaram aquela que é considerada a primeira escola de samba do Brasil: a Deixa Falar. Dizemos considerada porque a agremiação nunca foi oficialmente uma escola de samba. Era na verdade um bloco carnavalesco e posteriormente se tornou um rancho (CABRAL, 2011). Fundada em 28 de agosto de 1928, a Deixa Falar é considerada revolucionária, pois trouxe instrumentos até então desconhecidos, como o surdo, o reco-reco, a cuíca e o tamborim (CABRAL, 2011).

O próprio termo “escola de samba” está associado a existência de uma escola normal localizada no Estácio. Esta formava professores para a rede escolar. Logo os sambistas do bairro começaram a ser chamados de mestres ou professores (CABRAL, 2011). Os mestres ou professores do samba, ao que se sabe, realmente se esforçavam para ensinar a novidade que criaram. Em transcrição feita por Cabral, Antonio da Silva Caetano, um dos fundadores da Portela, revela que não existia samba em Osvaldo Cruz: “o pessoal da Estácio, que ensinou o samba pra gente” (CABRAL, 2011, p. 63). Rapidamente o novo tipo de samba se expandiu e passou a ser gravado por alguns dos maiores intérpretes da época, como Francisco Alves e Mário Reis e foi se espalhando pelos morros cariocas:

Com o sucesso do bloco do Estácio, jornalistas organizaram, com o patrocínio do Jornal O Mundo Desportivo, em 1932, o primeiro concurso entre escolas de samba, vencido pela Estação Primeira de Mangueira. O êxito foi tamanho que no ano seguinte, o jornal O Globo passou a promover o evento e o número de agremiações participantes dobrou de 19 para 35 grupos (FERNANDES, 2012). Desta época, que se tem notícia do que poderia ser o primeiro samba-enredo. Para Cabral (2011), “O mundo do samba”, defendido pela Unidos da Tijuca, em 1933, teria sido o pioneiro:

O samba cantado pela Unidos da Tijuca, “estava de acordo com o enredo”, ou seja, cabe a Unidos da Tijuca, além da glória de ter lançado a primeira compositora de escola de samba, todas as honrarias por ter inventado o samba-enredo, já que este não é outra coisa senão um samba “de acordo com o enredo” (CABRAL, 2011, p. 87).

No entanto, há controvérsias. Cabral deixa claro que além de “O mundo do samba”, a escola cantou mais duas músicas naquele carnaval, o que era comum nos primeiros concursos de escolas de samba. Além disso, a letra “parece indicar que se trata de uma

primeira parte fixa, sendo, a segunda livre, improvisada” (MUSSA & SIMAS, 2010, p. 25), ou seja, aquele que é considerado o primeiro samba-enredo não seria uma canção completa. Ao samba da Unidos da Tijuca, cabe a honra de ser considerado o precursor do samba-enredo, apesar de não ter dado início ao processo que levou outras escolas de samba a também adotarem o samba-enredo em seus desfiles.

De tal maneira, o desfile da Portela de 1939 (“Teste ao Samba”), é também considerado inovador e um marco na história dos sambas-enredo. “Pela primeira vez, uma escola de samba se apresentou (com exceção das baianas e dos mestres-salas e porta-bandeiras) com fantasias inteiramente voltadas para o enredo” (CABRAL, 2011, p. 136). A respeito deste desfile, Fernandes (2012, p. 11) afirma que “o desfile foi revolucionário, pois pela primeira vez foi notada uma apresentação em que tanto a parte visual da escola... quanto a parte musical, o samba-enredo, se harmonizavam na composição do enredo”

A partir da década de 1940 o samba-enredo se consolidou. Com a oficialização dos desfiles e o financiamento do poder público – a partir de 1935 as escolas de samba passaram a receber subvenção oficial da prefeitura – os sambistas passaram a se submeter a regulamentos mais rígidos. Em 1946, proibiu-se os sambas com versos improvisados. Foi neste período também que as escolas passaram a optar por enredos com temáticas nacionais. Durante muito tempo acreditou-se na ideia de que teria sido “o Estado Novo quem havia determinado que os enredos das escolas de samba devessem ter caráter histórico, didático e patriótico” (MATOS, 1982, *apud*, VIANNA, 1995, p. 124). Porém obras mais recentes apontam que tal escolha ocorreu de forma consciente pelos sambistas e independente da ditadura, no sentido de conquistar aceitação social. Mussa & Simas (2010, p. 18) afirmam que “[...] exaltar os valores nacionais era uma bela estratégia em busca do reconhecimento formal das escolas de samba”. Reforçando esta visão, Fernandes (2012, p. 12) sustenta que “[...] as relações entre as escolas de samba e a ditadura de Vargas foram tensas e não podem, como muitos insistem, ser reduzidas à submissão ingênua e acrítica, à lógica do “pão e circo”” (FERNANDES, 2012). Acreditamos que ao invés de mera submissão, houve na verdade negociação e estratégia por parte dos sambistas.

Outro fato que prova esta ideia é a persistência dos mesmos durante os anos da Segunda Guerra Mundial. As escolas de samba foram as únicas agremiações carnavalescas a desfilar, já que as demais – Grandes Sociedades, blocos e ranchos carnavalescos – desistiram de seus cortejos, uma vez que não houve subvenção da prefeitura. As escolas não somente ignoraram a vontade do Estado, como também mostraram que não dependiam dele. Após este período e com a consolidação dos temas nacionais, as escolas de samba se tornaram as grandes protagonistas do carnaval, ocupando o lugar que até então pertencia as Grandes Sociedades. O samba-enredo “Exaltação a Tiradentes”, do Império serrano, para o carnaval de 1949 é marcante dentro deste contexto. Além de ilustrar bem a questão dos temas nacionais, entrou para a história como o primeiro samba-enredo gravado, em 1955.

Ao longo dos tempos o samba-enredo passou por uma série de transformações, deixando de ser um gênero lírico e com letras altamente descritivas para assumir um estilo mais simplificado e acelerado que atendesse as demandas comerciais das escolas, assim como a necessidade de desfilar com maior número de figurantes em tempos cada vez mais curtos e cronometrados. Já a proibição aos enredos estrangeiros perdurou até a década de 1990, quando a regra foi extinta. Com o advento dos enredos patrocinados, atualmente é possível ver escolas de samba cantando praticamente qualquer tema no sambódromo. No entanto, se faz importante destacar que a busca por elementos da cultura popular nas canções continua firme e a tradição nacionalista permanece presente nas escolas, que continuam a priorizar a exploração da cultura brasileira (RAYMUNDO, 2011). O autor cita como exemplo o samba da Grande Rio, de 2009, que apesar de ser uma homenagem à França, em vários momentos de sua letra faz ligações com o Brasil e a sua cultura. No último carnaval, em 2020, com

exceção da Estácio (Pedra) e da Unidos da Tijuca (Arquitetura e Urbanismo), que optaram por temas mais abstratos, praticamente todas as outras escolas do grupo especial desfilaram com temas nacionais.

Fato é que em um país com histórico de desigualdade, em que as classes mais pobres foram sempre relegadas, excluídas de participar das decisões, do direito à educação e onde sempre prevaleceram altas taxas de analfabetismo, as escolas de samba se tornaram grandes porta-vozes dos negros e pobres dos morros e favelas cariocas. Tornaram-se sua grande expressão artística e cultural, assim como grandes representantes do país. Os sambas-enredo, como músicas representantes desta grande manifestação, sempre educaram, ensinaram e através dele passaram mensagens que representavam os anseios de seu povo, tendo assim grande valor para os cariocas e brasileiros. Prova deste valor, no ano de 2007, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) registrou oficialmente as matrizes do samba do Rio de Janeiro (**samba de terreiro, partido-alto e samba-enredo**) no Livro de Registro das Formas de Expressão, tornando assim o samba carioca um patrimônio cultural e imaterial do Brasil.

3. A DIVERSIDADE E A RIQUEZA CULTURAL DO SAMBA-ENREDO

Como observado anteriormente, o samba-enredo é um gênero musical muito rico e diverso e nas últimas décadas ampliou-se o leque de temas apresentados no sambódromo. Com a evolução do carnaval, aumentou-se a exigência por enredos cada vez mais bem elaborados e sofisticou-se também os mecanismos para se atingir este fim. Cresceu a demanda por pesquisadores, historiadores e intelectuais que auxiliam os carnavalescos na produção dos desfiles. Este cenário, obviamente, impactou os sambas-enredo enriquecendo a gama de temas apresentados e fazendo com que se possam encontrar obras dedicadas aos mais variados assuntos. Muitas delas podem ser consideradas úteis para professores do ensino fundamental e médio. Alguns autores já se debruçaram sobre o assunto: Rangel e Freitas (2014), por exemplo, mostraram como o samba-enredo pode ser adequado às aulas de história do Brasil. Neiva (2010) trabalhou os sambas-enredo no contexto disciplinar das aulas de língua portuguesa e literatura. Sabe-se também que professores de artes da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA) utilizam sambas-enredo como recurso didático para analisarem as contribuições das culturas do povo negro e indígena.

Dentro deste contexto, acreditamos que o samba-enredo possa ser um recurso pedagógico útil aos professores de geografia. Pretendemos mostrar que é possível encontrar temáticas geográficas presentes em muitas dessas obras musicais. A respeito da relação samba e geografia, Martins Júnior (2012) destacou a vinculação das escolas de samba com o conceito de lugar, um dos mais importantes desta ciência:

É possível observar entre as escolas de samba que uma de suas principais características é a vinculação ao lugar onde estão sediadas e de onde emergiram... Cavalcanti, (2008) coloca que muitas agremiações trazem o nome do bairro ou da localidade onde está inserida, como é o caso da Mocidade Independente de Padre Miguel, Estação Primeira de Mangueira, União da Ilha do Governador, Acadêmicos do Salgueiro, Beija Flor de Nilópolis e a Portela que, apesar de não ter o nome do bairro, leva o nome do local onde se encontrava sua primeira sede, localizada na Estrada do Portela. Portanto, a história das escolas de samba está vinculada ao lugar, no caso o bairro ou então uma localidade. As agremiações reforçam, portanto, um forte sentimento de pertencimento quando elas se autodenominam como representantes dos bairros ou das favelas onde se localizam (MARTINS JÚNIOR, 2012, p. 40).

Neste cenário, por exemplo, é possível propor uma excelente aula abordando o conceito de lugar a partir do samba "*Madureira... onde o meu coração se deixou levar*" (MONTEIRO, *et al.*, 2012), da Portela para o carnaval 2013. Em sambas como "*Monstro é Aquele Que Não Sabe Amar - Os Filhos Abandonados da Pátria Que Os Pariu*" (DIMENOR, *et al.* 2018) da Beija – flor e "*Capitães do Asfalto*" da São Clemente (PAULA; MOREIRA; POETA 1987) temáticas como sociedade, desigualdade e exclusão social também podem ser abordadas. Já nos chamados "enredos CEP" (quando governos de Estados e municípios financiam as agremiações para que estas lhe prestem homenagem) é possível encontrar obras que tratam dos mais variados lugares e regiões do Brasil e do mundo. É possível encontrar ainda, sambas que fazem referência a temáticas voltadas para a questão do racismo, política e economia. Enfim, teríamos inúmeras alternativas para ilustrar este trabalho, porém, como objeto de estudo, selecionamos somente quatro obras. Como critério para a escolha destas, recorreremos as orientações descritas em dois documentos: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e ao Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro. Procuramos por sambas com temáticas que se aproximam de alguns dos objetivos e competências exigidos nestes documentos para os seguintes anos: 6º e 7º anos do Ensino Fundamental; 2º e 3º anos do Ensino Médio.

3.1 A Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro

Antes de nos aprofundarmos a respeito do que é a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro, é pertinente trazermos à tona a discussão do significado do próprio currículo. A respeito disso, vários autores já se debruçaram sobre o tema. Para Sacristán (2013, p. 17) "[...] o currículo a ensinar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade". De acordo com Pinto (2020, p.10), o currículo é "[...] um artefato mental resultante dos referenciais culturais, dos debates, das disputas entre grupos sociais pela presença de conhecimentos representativos de suas memórias e identidades, das relações de poder e das políticas públicas existentes em uma certa sociedade".

Até a década de 1980, eram os Estados da Federação e os municípios que elaboravam suas próprias propostas curriculares, de modo, que estas ditavam os conteúdos que deveriam estar presentes nas aulas e nos planos de aula dos professores (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Mudanças significativas ocorreram a partir da promulgação da Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDBN, BRASIL, 1996), fazendo com que as propostas dos Estados fossem debatidas com a finalidade de gerar uma nova proposta, de nome Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Dentre as principais inovações estruturais desta proposta estava a introdução dos chamados temas transversais, como ética, meio ambiente, trabalho, orientação sexual, etc. (BRASIL, 1996).

Segundo o Ministério da Educação, os PCNs foram feitos para auxiliar as equipes escolares na execução de seus trabalhos, sobretudo no desenvolvimento do currículo. No entanto, muitos Estados continuaram produzindo suas próprias propostas curriculares. No Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, até 2013, distribuí-se nas escolas os chamados Currículos Mínimos, que segundo o próprio documento, tinham a finalidade de orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não poderiam faltar no processo de ensino aprendizagem, em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre.

Com o objetivo de unificar o conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns, de norte a sul do país, nas escolas públicas e privadas, urbanas e rurais, no intuito de diminuir as desigualdades educacionais existentes no país, surgiu a ideia da criação de

uma Base Nacional Comum Curricular. Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2018), a BNCC “[...] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). A versão final da BNCC foi homologada em 2018.

Neste artigo não nos aprofundaremos na discussão sobre as limitações da BNCC e se ela atingiu ou não os seus objetivos. Para isso, já existe farta bibliografia. Nosso objetivo aqui será apenas o de situar o leitor a respeito do que ela representa e justificar o porquê de termos a utilizado neste trabalho. A respeito do Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro, achamos pertinente utilizá-lo concomitantemente, pois, em muitas escolas da Rede Estadual, principalmente no que tange ao Ensino Médio, as determinações da BNCC ainda não foram aplicadas. Sabe-se que é previsto para os próximos anos a adoção de um novo Ensino Médio nas escolas brasileiras, dividido não mais em disciplinas, mas sim em áreas de conhecimento. No entanto, até a realização deste trabalho, ainda era comum a utilização do Currículo Mínimo da Secretaria de Estado de Educação por muitos professores da rede.

3.2 O samba-enredo como ferramenta didática nas aulas de Geografia

Para o 6º ano do Ensino Fundamental, estas são algumas das habilidades a serem trabalhadas segundo a BNCC: (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades; (EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo; (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo; (EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática. É possível trabalhar estas habilidades a partir do samba-enredo da Portela para o carnaval 2008: “Reconstruindo a natureza, recriando a vida: o sonho vira realidade” (CAVACO *et al.*, 2008). Observe a letra da canção escrita por Ari do Cavaco, Celsinho de Andrade, Ciraninho, Diogo Nogueira e Jr. Escafura no ano de 2008:

*“SEGUE OS PASSOS DO CRIADOR
VAI MINHA ÁGUIA GUERREIRA
LEVA ESTA MENSAGEM DE AMOR
DE OSWALDO CRUZ E MADUREIRA
ÁGUA, FONTE ETERNA DA VIDA
TERRA, TEMPLO DA EVOLUÇÃO
O HOMEM SURTIU, BRINCOU DE CRIAR,
DESCOBRIU TANTA RIQUEZA
É PRECISO PROGREDIR SEM DESTRUIR
VIVER EM COMUNHÃO COM A NATUREZA*

*É O RIO QUE CORRE A CAMINHO DO MAR
A FLOR QUE SE ABRE NA PRIMAVERA
DO VENTRE A ESPERANÇA QUE VEM RENOVAR
O SONHO DE UMA NOVA ERA*

*É HORA DE DARMOS AS MÃOS
LUTARMOS PRO MUNDO MUDAR
O LÍDER DE CADA NAÇÃO
PRECISA PARAR PRA PENSAR
A PALAVRA É UNIÃO
PRA RECONSTRUIR O NOSSO LAR
BRASIL TEU VERDE É O SÍMBOLO DA VIDA
RENOVA A TUA ENERGIA*

*MEU CORAÇÃO É O MEU PAÍS
O SOL VAI BRILHAR E ANUNCIAR
UM FUTURO MAIS FELIZ*

*EU SOU A ÁGUA, SOU A TERRA, SOU O AR
SOU PORTELA
UM SONHO REAL, UM GRITO DE ALERTA
A NATUREZA QUE ENCANTA A PASSARELA ”*

Percebe-se que os versos do samba-enredo reproduzem a interação do homem com a natureza, colocando-o como parte integrante do meio e demonstrando preocupação com as transformações que a ação humana tem causado. A letra cita a biodiversidade natural do planeta e suas riquezas, aponta para a ideia de sustentabilidade, faz um apelo aos líderes mundiais para que revejam suas atitudes e menciona ainda o papel do Brasil na questão ambiental.

O professor pode apresentar o samba e a letra como ponto de partida de uma aula específica ou mesmo de todo o bimestre. Observamos que as orientações do currículo mínimo da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro também se aproximam da letra do samba. Segundo este documento, ao final do 4º bimestre do 6º ano do ensino fundamental os alunos deverão saber: 1º- Reconhecer o homem como elemento da natureza (natureza transformada); 2º- Identificar efeitos da ação humana nas dinâmicas naturais; 3º- Identificar e problematizar questões ambientais; 4º- Conhecer diferentes formas de apropriação do espaço (desenvolvimento sustentável etc.). Acreditamos que qualquer uma das competências supracitadas poderia ser trabalhada a partir deste samba-enredo. Outra sugestão, caso exista a possibilidade, é apresentar junto com a canção, o compacto do desfile e pedir para os estudantes prestarem a atenção na mensagem das alas e alegorias. Daí o professor poderá criar uma atividade a partir do que os alunos assistiram ou mesmo utilizar o vídeo para ilustrar sua explicação.

Para o 7º ano do ensino fundamental, um dos temas trabalhados é a formação do território brasileiro e dentro desta matéria é proposto pela BNCC ao professor: (EF07GE03) selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades. Observamos que o samba-enredo da Mangueira para o carnaval 2019 pode ser um bom ponto de partida para contextualização desta temática. Observe a letra de Domênico et al. (2019):

*“BRASIL, MEU NEGO
DEIXA EU TE CONTAR
A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA
O AVESSE DO MESMO LUGAR
NA LUTA É QUE A GENTE SE ENCONTRA
BRASIL, MEU DENGÔ
A MANGUEIRA CHEGOU
COM VERSOS QUE O LIVRO APAGOU
DESDE 1500 TEM MAIS INVASÃO DO QUE DESCOBRIMENTO
TEM SANGUE RETINTO PISADO
ATRÁS DO HERÓI EMOLDURADO
MULHERES, TAMOIOS, MULATOS
EU QUERO UM PAÍS QUE NÃO ESTÁ NO RETRATO
BRASIL, O TEU NOME É DANDARA
E A TUA CARA É DE CARIRI
NÃO VEIO DO CÉU*

*NEM DAS MÃOS DE ISABEL
A LIBERDADE É UM DRAGÃO NO MAR DE ARACATI
SALVE OS CABOCLOS DE JULHO
QUEM FOI DE AÇO NOS ANOS DE CHUMBO
BRASIL, CHEGOU A VEZ
DE OUVIR AS MARIAS, MAHINS, MARIELLES, MALÊS*

*MANGUEIRA, TIRA A POEIRA DOS PORÕES
Ô, ABRE ALAS PROS TEUS HERÓIS DE BARRACÕES
DOS BRASIS QUE SE FAZ UM PAÍS DE LECIS, JAMELÕES
SÃO VERDE E ROSA, AS MULTIDÕES”*

Repare que a obra remete a formação do Brasil contada a partir dos “vencidos” e não dos “vencedores”. Traz à tona o olhar dos povos nativos e escravizados, desmistifica a concepção clássica de que o Brasil foi descoberto e enfatiza que a nossa história é composta por episódios de luta e sofrimento. O samba, resgata ainda a memória de personagens importantes, porém esquecidos na história oficial, como Dandara, o Dragão do Mar de Aracati e outros.

Assim como sugerido para o 6º ano, neste caso também é recomendado a apresentação do compacto do desfile com as partes relevantes ao tema. No cortejo carnavalesco são apresentados outros personagens que não são citados diretamente na letra da música, como o guerreiro Sepé Tiaraju, que tentou evitar o massacre dos Guaranis pelas tropas de Portugal e da Espanha, o abolicionista negro Luís Gama e o próprio Zumbi dos Palmares. Figuras que são tratadas como heróis na história oficial, como a princesa Isabel, o general Duque de Caixas e os Bandeirantes, são desconstruídos. Através da canção e do desfile, o professor poderá explanar como a evolução territorial do Brasil representou a desterritorialização e a topofobia das populações indígenas e negras, usando como pano de fundo as representações das alas e alegorias ou estrofes da música, como a que diz: “Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento [...] Atrás do herói emoldurado, mulheres, tamoios mulatos”.

Para o Ensino Médio, separamos mais duas obras. No 2º ano, um dos temas abordados é o estudo do espaço agrário brasileiro. Segundo o currículo mínimo do Estado do Rio de Janeiro, uma das habilidades a serem trabalhadas por professores e alunos no 3º bimestre é a seguinte: analisar o histórico da estrutura fundiária e da luta pela terra no Brasil, identificando os principais movimentos sociais que reivindicam a posse da terra no país. Para contextualização e melhor compreensão desta competência, acreditamos que possa ser útil, o samba da Unidos de Vila Isabel para o carnaval de 1990. Observe a letra de Guedes et al. (1990):

*“VEM DE LONGO TEMPO
O MESMO CANTAR
SE ESTA TERRA FOSSE MINHA, SE ESTA TERRA
EU IRIA SEMEAR, SEMEAR...
ASSIM DISSE O PORTUGUÊS
AO VER TANTA RIQUEZA NESTE CHÃO
QUANDO OS INVASORES APORTARAM
COM A SEDE LOUCA DA AMBIÇÃO
CANA-DE-AÇÚCAR E PAU-BRASIL
UMA DELIRANTE OBSESSÃO
BRILHOU NO OURO A COBIÇA
LEVANDO OS BANDEIRANTES AO SERTÃO
COM O PROGRESSO E A COLONIZAÇÃO
ERA O ÍNDIO ESPANCADO SEM PERDÃO*

***E O HERÓI GUARANI
GRITOU FORTE DEFENDENDO SUA TERRA
MAS DE NADA ADIANTOU
AQUELE GRITO DE GUERRA***

*SE MINHA FOSSE ESTA TERRA
DAS PEDRAS NASCERIAM FLORES
COM SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS
CANTOU O NEGRO EM SUAS CORES
VINDO... LÁ DAS BANDAS DO AGRESTE
TERRA SECA DO NORDESTE
O HOMEM EM BUSCA DE AVENTURAS
QUANDO A VONTADE MAIS PURA DO IRMÃO
ERA PRODUZIR NO SEU QUINHÃO*

***SE ESTA TERRA FOSSE MINHA
É A VILA A CANTAR
QUE FELICIDADE É DIVIDIR
COM IGUALDADE PRA REFORMA REFORMAR!’***

Esta obra de rara felicidade nos conta a história de ambição à terra brasileira, indo desde a chegada dos europeus, até o século passado, decorrendo pelos diversos ciclos econômicos que o país atravessou. Inicialmente, a letra destaca a primeira fase do período colonial, da chegada dos portugueses até a consolidação das bases para a produção dos dois principais produtos da época, a cana de açúcar e o pau-brasil. Os portugueses teriam sido os primeiros a entoarem a frase que intitula o enredo: “Se esta terra, se esta terra fosse minha”, em referência às invasões de holandeses, franceses e ingleses, onde daí passaram a dar maior valor a terra conquistada.

No momento seguinte, o samba ressalta o período áureo da exploração do ouro, quando os Bandeirantes avançaram rumo aos interiores, conquistando novas áreas e assassinando povos nativos. Na visão dos autores da obra, os indígenas teriam sido os segundos a entoarem o grito “se esta terra fosse minha”, em lamento a terra perdida. É bom ressaltar, no entanto, que a letra deixa claro que eles não se entregaram facilmente e lutaram para defenderem o seu chão. Ainda dentro do período colonial, os povos negros teriam sido os terceiros a lamentarem “se esta terra fosse minha”. Neste caso, duplamente, primeiro por terem sido retirados a força de sua terra nativa, a África, e segundo por terem sido trazidos a uma nova terra, desconhecida, mas que igualmente, também não lhes pertencia.

Por fim, o samba desagua num período mais moderno, fazendo referência ao auge do processo de industrialização brasileira, onde muitos nordestinos foram incentivados a deixarem suas famílias para trás e partirem para os grandes centros urbanos do centro-sul. A letra faz uma crítica a esta política e ao fato de nunca ter existido interesse em promover reformas sociais que melhor distribuíssem as terras aos trabalhadores, promovendo dignidade para as populações pobres daquelas regiões. Isso fica muito nítido nos versos “Quando a vontade mais pura do irmão era produzir no seu quinhão”. Ou seja, desta vez é o nordestino quem lamenta a concentração de terras nas mãos de poucas pessoas.

O refrão final do samba encerra de forma muito competente cobrando pela reforma agrária, concluindo que “se esta terra fosse minha” ela seria semeada e cultivada por todos e aí sim se faria justiça social. Como já dito, entendemos que esta obra se encaixa perfeitamente aos requisitos cobrados para a temática relacionada a questão agrária e fundiária do Brasil, abrindo várias possibilidades ao professor, fazendo com que ele possa usá-la no contexto de sua aula. Neste caso, nós não recomendamos a apresentação do vídeo do desfile junto ao áudio do samba, pois como este é um carnaval mais antigo, as imagens da época não são tão

nítidas. Aliado a isso, por não estarem acostumados, acreditamos que o formato da transmissão daqueles tempos possa ser considerado cansativo para os alunos atualmente.

Finalmente, para o 3º ano do Ensino Médio, uma das temáticas finais do currículo mínimo de geografia da Secretaria Estadual de Educação é o Rio de Janeiro e suas dimensões política, econômica, ambiental e sociocultural. Dentre as habilidades e competências trabalhadas nesta temática, destacamos duas: 1º- Compreender e relacionar as características históricas, físicas e socioeconômicas do Estado do Rio de Janeiro; 2º- Relacionar o processo de ocupação do território fluminense com os problemas ambientais recorrentes no Estado (enchentes, erosão, deslizamentos etc.). Apesar das habilidades tratarem do Estado como um todo, acreditamos que no caso do Rio de Janeiro, seja importante o professor dar enfoque central a capital. E isso se explica por uma série de fatores: é a maior cidade, comporta aproximadamente 40% da população total do Estado, cerca de metade do PIB, durante muitos anos foi capital federal, dentre outros. Portanto, entendemos que para tratarmos das competências relacionadas ao Estado atualmente, seja interessante trabalhar inicialmente com os alunos o processo de evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. Uma vez explicado isto, sugerimos o samba-enredo da União da Ilha para o carnaval de 1997 como uma boa alternativa: A obra é intitulada “Cidade Maravilhosa, o sonho de Pereira Passos” (BUJÃO; FUZIL; NOVIDADE, 1997). Confira a letra abaixo:

*“O MEU PENSAMENTO VOA
ME LEVA AO INFINITO
VOU GIRANDO MEU COMPASSO
PASSO A RÉGUA E MUDO O TRAÇO
FAZENDO O RIO FICAR MAIS BONITO*

***BOTEI TUDO ABAIXO (BOTEI)
LEVANTEI POEIRA (LEVANTEI)
DEI MUITA PORRADA (EU DEI)
TAÍ O RIO QUE SONHEI***

*AH!... O CARIOCA ESTÁ CONTENTE
A ALEGRIA BAILOU NO AR
GOZANDO DE BOA SAÚDE, MUDA DE ATITUDE
O ESPORTE JÁ PODE PRATICAR*

***NO JOGO DE BOLA (COM MUITO PRAZER)
O BANHO DE MAR (SE TORNOU LAZER)***

*FIZ BRILHAR...
PINTEI MEU RIO COM RETRATO DE PARIS
COM A CIDADE ILUMINADA
O CARIOCA TEM A NOITE MAIS FELIZ
MOSTRANDO AO MUNDO A RIQUEZA NACIONAL
MEU RIO AGORA É BELLE ÉPOQUE TROPICAL
A BURGUESIA ME LEVOU AO TEATRO MUNICIPAL
BERÇO DE BOÊMIOS SERESTEIROS
FERVILHAM OS BARES DO MEU RIO DE JANEIRO
AMANHECEU...
AMANHECEU, FLORESCEU UM NOVO DIA
VOU PASSEAR, EXTRAVASAR MINHA ALEGRIA
DE BEM COM A VIDA EU TÔ Ô Ô Ô...
É LINDO O MEU CARNAVAL
E HOJE O RIO SE TORNOU CARTÃO POSTAL*

***LÁ VEM A ILHA QUE VEM
TODA GOSTOSA TAMBÉM***

CANTANDO O RIO, CIDADE MARAVILHOSA

O samba é uma clara alusão ao período conhecido como “bota-abaixo”, época em que a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, passou por uma série de transformações urbanísticas, que impactaram para sempre a sua forma de ser. Nos versos “Botei tudo abaixo / levantei poeira / dei muita porrada, taí o Rio que sonhei” podemos imaginar como era a política do então prefeito Pereira Passos. Este trecho faz referência às milhares de casas que foram derrubadas para a construção ou alargamento das novas e modernas avenidas, como é o caso da Avenida Central (atual Rio Branco) e ao tratamento que foi dado aos pobres que ali viviam. Foram despejados, na maioria das vezes, a contragosto.

Nos versos “Pintei meu Rio com retrato de Paris” e “Meu Rio agora é Belle Époque tropical” podemos perceber de onde veio a inspiração para todas as transformações. A moderna capital da França era quem inspirava as classes dominantes cariocas. Além das novas avenidas amplas e modernas, era preciso também possuir prédios imponentes que marcassem a arquitetura da cidade. A letra cita o Teatro Municipal, que é um belo exemplo disso. Os versos “com a cidade iluminada” [...] “o carioca tem a noite mais feliz” fazem menção a iluminação pública, que antes era fornecida por lâmpadas a gás, e a partir de então, começou a ser substituída por postes de eletricidade. A novidade proporcionou as elites cariocas a possibilidade de fazer passeios familiares noturnos pelas largas e novíssimas avenidas do centro. Já o verso “gozando de boa saúde”, pode ser entendido como uma alusão a onda sanitária que pairou sobre o período, o que levou a demolição de centenas de cortiços. Tudo em nome da higiene e da estética. Podemos encontrar ainda uma referência a difusão de novos esportes trazidos da Europa, como o futebol, que é citado no verso “no jogo de bola (com muito prazer)” e da ideologia que associava o estilo de vida moderno a morada próximo da praia, no verso “o banho de mar se tornou lazer”.

O samba-enredo pode servir como uma ótima ferramenta lúdica para os alunos compreenderem o processo de transformações que a cidade do Rio de Janeiro atravessou naquele período e refletirem como estas mudanças impactam o presente, servindo como ponto de partida para que o professor trate de temas como favelização, violência urbana, segregação espacial, etc. Todas são temáticas que tem relação com as habilidades e competências que são exigidas no currículo mínimo da Secretaria de Educação.

4. CONCLUSÕES

Em vários momentos da história discutiu-se a necessidade de mudanças no ensino de geografia. Autores das mais variadas correntes questionaram como era feita a seleção dos conteúdos e os métodos utilizados por professores nesta disciplina. Em comum nas diversas críticas de variadas épocas estava a desaprovação ao modelo clássico, pautado na descrição, na nomenclatura e na memorização como método de aprendizagem. A busca por tornar esta disciplina mais palpável, prazerosa e adequada a realidade dos estudantes tem sido permanente. Posto isso, acreditamos que o samba-enredo possa ser uma boa alternativa no sentido de auxiliar os professores de geografia a atingirem esse objetivo. Tendo como base o fato do carnaval ser a maior festa popular do Brasil, ser considerada uma manifestação de caráter inclusivo e libertário, capaz de abordar os mais variados temas; também a experiência vivida por este autor, aliando sua vivência no samba à sua prática docente; e ainda, a evolução pelo qual passou o samba-enredo ao longo dos tempos, se tornando um gênero musical muito rico e diverso, acreditamos que ele possa ser uma boa ferramenta didática e lúdica para professores do Ensino Fundamental e Médio nas aulas de geografia, despertando a criticidade dos alunos e tornando as aulas mais cativantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ALBUQUERQUE, M.A.M. Dois momentos na história da geografia escolar: a geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011.

BALTAR, A. **Você sabe qual foi o primeiro samba-enredo do carnaval? Veja a história**. UOL, 2018. Disponível em <https://www.uol.com.br/carnaval/2018/noticias/redacao/2018/02/09/governo-de-getulio-quis-temas-nacionais-em-sambas-enredo-veja-a-historia.htm#:~:text=Na%20maioria%20das%20vezes%2C%20ele,Carnaval%20por%20to do%20o%20mundo>. Acesso em: 12 Dez.2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Histórico da BNCC**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2021. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 09 Abr. 2021.

CABRAL, S. **Escolas de samba do Rio de Janeiro**. São Paulo: Lazuli, 2016.

CANDEIA, A.; ARAUJO, I. **Escola de samba: Arvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC, 1978.

CARNEIRO, E. **A sabedoria popular**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957.

CAVALCANTI, M.L.; GONÇALVES, R.S. **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

CHEVALLARD, Y. **La transposición didáctica**. Del saber sabio al saber enseñado. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1995.

CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, XIV., 2010, Rio de Janeiro. **Anais do XIV CNLF**. Rio de Janeiro: Universidade do estado do Rio de Janeiro, 2010.

FERNANDES, N.N. Escolas de samba, identidade nacional e o direito à cidade. **Revista Electrónica de geografía y ciencias sociales**, v.16, n. 418, 12, 2012.

FERNANDES, N.N. **Escolas de samba:** sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

G.R.E.S. BEIJA FLOR DE NILÓPOLIS. Intérprete: Neguinho da Beija-Flor. Compositores: Di Menor BF, Kiraizinho, D. Oliveira, B.B.Flor, J.J. Santos, J. Assis e D. Rosa. **Monstro é Aquele Que Não Sabe Amar : Os Filhos Abandonados da Pátria Que Os Pariu.** Samba Enredo 2018. Grav. Universal Music. Rio de Janeiro: Ed. Edimusa, 2017. 1 CD.

G.R.E.S. E.P. de MANGUEIRA. Intérprete: Marquinhos Art Samba. Compositores: T. Miranda, R. Oliveira, M. Bola, Mamá, D. Domênico e D. Firmino. **Histórias para ninar gente grande.** Samba Enredo 2019. Grav. Universal Music. Rio de Janeiro: Edimusa, 2018. 1 CD.

G.R.E.S. PORTELA. Intérprete: Gilsinho. Compositores: A. Posto, L.C. Máximo, Monteiro, T. Nascimento. **Madureira... onde o meu coração se deixou levar.** Samba Enredo 2013. Universal Music. Rio de Janeiro: Edimusa, 2012. 1 CD.

G.R.E.S. PORTELA. Intérprete: Gilsinho. Compositores: D. Nogueira, Ciraninho, C. Andrade, J. Scafura e A. Cavaco. **Reconstruindo a natureza, recriando a vida:** o sonho vira realidade. Samba Enredo 2008. Universal Music. Rio de Janeiro: Edimusa 2007. 1 CD.

G.R.E.S. SÃO CLEMENTE. Intérprete: Izaias de Paula. Compositores: I. Paula, J. Moreira e M. Poeta. **Capitães do Asfalto.** Samba-Enredo 1987. Rio de Janeiro: RCA , 1986. 1 LPs.

G.R.E.S. UNIAO DA ILHA DO GOVERNADOR. Intérprete: Ito Melodia. Compositores: B.C, Fuzil e W, Novidade. **Cidade Maravilhosa, o sonho de Pereira Passos:** Samba Enredo 1997. Rio de Janeiro: BMG, 1996. 1 CD.

G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL. Intérprete: Gera. Compositores: J. Tropical, J. Pereira, A. Guedes, A. Grande e Bombril. **Se esta terra, se esta terra fosse minha.** Samba Enredo 1990. Rio de Janeiro: RCA/BMG, 1989. 1 LPs.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Matrizes do Samba no Rio de Janeiro:** Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo. 2021. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/64>. Acesso em: 10 Mar. 2021.

MARTINS JÚNIOR, M.A. **Foi um rio que passou em minha vida:** Portela representações e sustentabilidades em Madureira. 2012. 116fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, 2012.

MATOS, C. **Acertei no milhar.** 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

MONTEIRO, A.M.C. Professores entre Saberes e Práticas. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, Abril/2001.

MUSSA, A.; SIMAS, L.A. **Samba de enredo: história e arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PINTO, J. A constituição da BNCC no processo histórico de reforma educacional na era da globalização. *In*: MORETTO, M. **A base nacional curricular: discussões sobre a nova prescrição curricular**. Jundiaí (SP): Paco Ed., 2020.

PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

RANGEL, M.L.; FREITAS, T. **Aula de Samba: a História do Brasil em Grandes Samba-Enredo**. Janeiro: Ed. Edições, 2014.

RAYMUNDO, J. **Samba-enredo, a canção dos desfiles de escolas de samba: um gênero épico brasileiro**. 2011. 65fl. Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2011

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo Mínimo 2012: Geografia**. 1.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

SACRISTÁN, J.G. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Ed. Penso, 2013

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, Antonio. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SILVA, J.G.; NUNES, V.Z. O Samba-Enredo Dá Passagem Para A Interdisciplinaridade. **Revista Leopoldianum**, v.45, n.127, 2019.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. **Os professores face ao saber: Esboço de uma problemática do saber docente**. Porto Alegre: Teoria e Educação, n.4, 1991.

VALLE, L. **Sambas-Enredo podem ser ferramentas para ensinar história e literatura em sala de aula**. Instituto Claro Educação, 2018. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/sambas-enredo-podem-ser-ferramentas-para-ensinar-historia-e-literatura-em-sala-de-aula/>. Acesso em 15 Jan. 2021.

VIANNA, H. **O mistério do samba**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Ed. UFRJ, 2002.

VILELA, C.L. A abordagem regional como tradição do currículo da geografia escolar. **Giramundo**, v.3, n.5, p. 31 – 41, 2016.